



## ESTADOS UNIDOS

# “Nem estou pensando em Elon”, diz Trump

Chefe da Casa Branca se recusa a conversar com o ex-aliado no dia seguinte à briga protagonizada por ambos nas redes sociais. A jornalista, republicano diz que o homem mais rico do mundo “perdeu a cabeça”. “Ele tem um problema”

Enquanto assessores tentavam colocar panos quentes na situação, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, deu sinais, ontem, de que não está disposto a recuar no embate com Elon Musk, seu ex-aliado de todas as horas. No dia seguinte à briga pública protagonizada nas redes sociais, o homem mais rico do planeta ensaiou um recuo, mas o presidente da maior potência mundial se mostrou inflexível.

O chefe da Casa Branca não aceitou a oferta do bilionário, chefe da Tesla e da SpaceX, que queria uma conversa por telefone. Mas desabafou com jornalistas americanos. À CBS, Trump afirmou estar “totalmente focado” em seu trabalho e “em nada mais”.

Segundo uma repórter da CNN, o magnata republicano declarou: “Nem estou pensando em Elon. Ele tem um problema. O coitado tem um problema”. “O homem perdeu a cabeça”, acrescentou o presidente em uma ligação para a emissora ABC.

“O presidente não tem planos de falar com Musk hoje”, confirmou à agência de notícias France

Presse (AFP) um funcionário da Casa Branca que pediu para permanecer anônimo. Comenta-se, inclusive, que Trump cogita se desfazer do Tesla vermelho que comprou em março deste ano, em apoio ao dono da marca, quando a empresa caía na bolsa e vários veículos foram vandalizados. O carro está estacionado em uma garagem nos jardins da Casa Branca.

### Orçamento

Trump permaneceu quieto por vários dias, a despeito dos ataques incessantes de Elon Musk ao seu megaprojeto de lei orçamentária. Rompeu o silêncio anteontem, numa reação que ressoou no mundo todo. O presidente dos EUA insistiu que foi ele quem tirou o empresário do governo, na semana passada, e tachou como “louco” o homem que antes chamava de “gênio”.

“A maneira mais fácil de economizar dinheiro em nosso orçamento, bilhões e bilhões de dólares, é encerrar os subsídios e contratos governamentais de Elon”, ameaçou Trump em sua plataforma Truth Social.

Musk, por sua vez, acusou o presidente, cuja campanha ele financiou com cerca de US\$ 300 milhões (R\$ 1,68 bilhão), de “ingratidão”. E publicou uma mensagem em sua plataforma de rede social X pedindo sua destituição. Segundo Musk, Donald Trump teria perdido a eleição sem sua ajuda.

Afirmou ainda, sem apresentar provas, que o nome do magnata republicano consta no processo de Jeffrey Epstein, um financista americano acusado de crimes sexuais que cometeu suicídio na prisão em 2019.

Segundo analistas, os desentendimentos entre Trump e Musk podem ter prejuízos para ambos individualmente, mas também acarretar graves consequências políticas e econômicas para os Estados Unidos. “Nunca vi duas pessoas tão importantes se enfrentarem de forma tão desagradável em todo o tempo que estou nesse negócio. Isso não pode ser bom para nenhuma das partes”, declarou à AFP Chaim Siegel, analista da empresa de serviços financeiros Elazar Advisors.



Em março passado, os então parceiros posam no Tesla comprado pelo presidente para apoiar o amigo

## GUERRA NA UCRÂNIA



Corpos cobertos após um ataque russo em Kiev: repesália

# Moscú fala em conflito “existencial”

A Rússia descreveu, ontem, sua guerra com a Ucrânia como “existencial”, enquanto iniciava a retaliação à ex-república soviética pelo ataque de drones sofrido no último fim de semana. Durante a noite, alertas aéreos foram emitidos em todo o território ucraniano, e várias regiões relataram ataques — houve ao menos três mortes na capital, Kiev.

Enquanto as negociações de paz intermediadas pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, parecem estar estagnadas, os ataques entre os dois países vizinhos vêm se intensificando.

“Para nós, essa é uma questão existencial, sobre os nossos interesses nacionais, a nossa segurança, nosso futuro e o de nossos filhos”, disse o porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov.

“Kiev sofreu outro ataque com UAVs (veículos aéreos não tripulados) e mísseis balísticos. Os socorristas respondem às consequências em vários locais da cidade”, escreveu o Serviço Estatal de Emergências da Ucrânia no Telegram. Além de três socorristas mortos, a ofensiva russa na capital deixou 23 feridos.

Nove regiões foram alvo de

bombardeio, segundo o presidente Volodymyr Zelensky. “Agora é a hora de os Estados Unidos, a Europa e o mundo pararem essa guerra juntos, pressionando a Rússia”, escreveu ele nas redes sociais.

De acordo com as forças aéreas ucranianas, o país foi alvo de 407 drones de ataque e de distração destinados a saturar as defesas aéreas, além de 45 mísseis russos. As defesas de Kiev neutralizaram 199 drones e 36 mísseis, mas 13 localidades foram atingidas pelos bombardeios e outras 19 por destroços de alvos derrubados.

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, jurou vingança após a ofensiva de drones de Kiev, que destruiu inúmeras aeronaves militares avaliadas em bilhões de dólares. O Exército russo informou ter neutralizado 174 drones ucranianos lançados durante a noite em seu território.

As forças ucranianas afirmam ter bombardeado com sucesso duas bases aéreas no país vizinho durante a noite. Três aeroportos russos chegaram a ficar temporariamente fechados, segundo a agência de transporte aéreo.

## Conexão diplomática



por Silvio Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

# Palestina invade a agenda externa

De volta da turnê pela França, onde recebeu homenagens e desfilou temas de predileção na política externa, o presidente Lula passa ao Itamaraty a missão de administrar um tema crítico da agenda diplomática. Enquanto o Planalto se debruça na preparação da cúpula do Brics, marcada para o início de julho, o Brasil assume papel destacado na conferência da ONU sobre o estabelecimento do Estado palestino.

O evento se desenrola na sede da organização, em Nova York, entre 17 e 20 de junho. A convite da França, copatrocinadora ao lado da Arábia Saudita, o país dividirá com o Senegal o comando de um dos grupos de trabalho temáticos. A questão palestina, de repercussão potenciada pelos impactos da ofensiva militar israelense na Faixa de Gaza, esteve presente nas conversações e nas declarações feitas em Paris por Lula e pelo presidente Emmanuel Macron.

O governo francês, na companhia

do britânico e do canadense, subiu o tom da pressão sobre o premiê Benjamin Netanyahu para que detenha a matança e o sofrimento imposto à população de Gaza, e permita a entrada no território de ajuda humanitária — com prioridade para os alimentos — em quantidades suficientes.

Outro ingrediente da crise, um tanto ofuscado pela violência cotidiana em Gaza, é a expansão das colônias judaicas na Cisjordânia, acompanhada da expropriação de terras palestinas. Com proteção das forças de segurança israelense, os colonos intensificam as incursões contra a população árabe.

### Todas as letras

Em Paris, falando à imprensa ao lado de Macron, Lula retomou o tom elevado com que tem se referido à situação em Gaza, nas últimas semanas. Fez questão de reiterar a visão de que o que

ocorre no território palestino “não é uma guerra” entre dois exércitos. E pronunciou as sílabas, separadamente, para enfatizar: “É ge-no-cí-dio!”

Também Macron abordou o tema, respondendo a uma pergunta (feita em português) sobre uma possível suspensão do fornecimento de material bélico a Israel. Bem mais contido que o convidado, o presidente francês mencionou a disposição de “aumentar a pressão” sobre Netanyahu para que detenha a ofensiva e poupe os civis. E mencionou a conferência na sede da ONU, em meados do mês.

### Fogo cruzado

No retorno a Brasília, a escalada retórica do presidente promete acirrar a disputa entre os setores políticos pró e contra Israel. Antes ainda da viagem para a França, a Confederação Israelita do Brasil (Conib) divulgou nota na qual acusa Lula de

“distorcer a realidade para vilificar o Estado judeu” e “promover o antissemitismo” entre seus apoiadores.

No mês passado, com o apoio da Conib e a adesão da bancada evangélica, o Senado aprovou a criação do Dia da Amizade Brasil-Israel. O texto passou por unanimidade, com voto simbólico das lideranças — inclusive, a do PT.

No campo político oposto, cresce a pressão para que o discurso do presidente se traduza em ação concreta do governo. Um documento assinado por artistas, intelectuais e personalidades políticas pede que o Brasil acompanhe Colômbia, Bolívia e outros vizinhos e rompa relações diplomáticas e comerciais com Israel. Em particular, que suspenda a compra de armas e a venda de petróleo e derivados.

### Tapas e beijos

A diferença de tom no trato da questão palestina foi apenas a mais suave entre as discordâncias políticas que ficaram à mostra em Paris. Macron, Lula e as primeiras-damas, Brigitte e Janja, desfilaram amabilidades, com mãos

dadas, gestos públicos de afeto e sorrisos trocados. Na entrevista coletiva conjunta, porém, os presidentes não esconderam as cartas.

Falando sobre a guerra na Ucrânia, o visitante insistiu em que os dois lados troquem a escalada militar pelas negociações diretas. Voltou a oferecer préstimos para facilitar o diálogo. O anfitrião louvou a boa-vontade, mas reiterou a posição dos governos europeus: existe um agressor (a Rússia) e um agredido (a Ucrânia), que “não podem ser tratados em pé de igualdade”.

Teve sentido mais prático e concreto a dissonância quanto ao acordo comercial entre União Europeia e Mercosul. Pronto a assumir no segundo semestre a presidência rotativa do bloco sul-americano, Lula se disse convencido de que o documento será assinado até o fim do ano. Macron, que governa com maioria precária na Assembleia Nacional e assiste à ascensão consistente da extrema direita, deixou claro que não pretende se indispor com o poderoso lobby dos agricultores — que rechaçam a abertura do mercado aos produtores sul-americanos.